

Recensão FREIRE, João (org.), DE FREITAS, Eduardo, CORREIA JESUÍNO, Jorge, & MATIAS FERREIRA, Vítor (2021), *Contributo sobre os Antecedentes da Sociologia em Portugal*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

João Teixeira Lopes

Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Instituto de Sociologia da Universidade do Porto (ISUP)

Quatro amigos, provenientes da sociologia académica e, entretanto, aposentados, partilham entre si um projeto de investigação. Através de uma roda de debates (e tertúlias?), indagam sobre as origens e os contornos dos antecedentes da Sociologia em Portugal. São eles João Freire (que organiza a obra e lhe escreve a introdução), professor emérito do ISCTE e reconhecido autor da sociologia do trabalho, das organizações e das profissões; Eduardo de Freitas, com quem tive o gosto e o proveito de privar no Observatório das Atividades Culturais (1996-98), também antigo professor do ISCTE e estudioso da ruralidade portuguesa, no início do seu percurso e, mais tarde, importante investigador no domínio da sociologia do livro e da leitura; Jorge Correia Jesuino, igualmente aposentado do ISCTE e seu Professor Emérito, com uma obra que cruza vários saberes (psicologia social, epistemologia, sociologia das organizações) e, ainda, Vítor Matias Ferreira, tal como os restantes antigo docente e investigador do ISCTE e destacado sociólogo urbano.

É certo que o livro teria ganhado muito se dialogasse mais com as duas obras publicadas por Fernando Luís Machado, que os autores não chegaram a ler pois, quando foram dadas à estampa, já o texto deste livro se encontrava estabilizado.

Contudo, João Freire não deixa de “conversar” com a periodização proposta por Fernando Luís Machado (Machado, 2020 e 2022) e que aqui relembramos: i) um momento “pré-histórico”, até 1962 (a investigação social antes da investigação sociológica); ii) um conjunto de “primeiros passos”, onde se incluem a licenciatura em Sociologia no Instituto Superior Económico e Social de Évora em 1964 (estabelecimento privado com fortes ligações aos jesuítas e à Fundação Eugénio de

Almeida) e a criação, por Sedas Nunes, do Gabinete de Investigações Sociais; iii) a institucionalização inicial, que vai de 1974 (licenciatura em Sociologia no ISCTE) a 1985 (ano em que se cria o curso de Sociologia na Universidade do Porto; iv) a consolidação institucional (1986-1999), altura em que medram as pós-graduações e em que se consolida uma rede de unidades de investigação; v), finalmente, desde 2000 até aos nossos dias, a institucionalização avançada, marcada por “um campo completo, estável e internacionalizado” (Machado, 2020: 97).

Ora, João Freire prefere chamar ao período que a obra coletiva aborda de “pré-sociologia” ou “proto-sociologia”, uma vez que, segundo ele, a sociologia “institucional” a reduziria ao reconhecimento legal no ensino, enquanto o epíteto de académica esqueceria as cadeiras de sociologia que, de forma avulsa, foram surgindo em algumas escolas superiores (e não em Universidades). Mas é notório que a designação do período pré-científico não lhe agrada inteiramente, quer por ser devedor de uma conceção cientista que parece rejeitar, quer por considerar que o conhecimento sociológico atual não é menos isento que o de antanho de contaminações e disputas ideológico-políticas.

Perpassa, todavia, um pessimismo, que se pode permitir à perspetiva singular do autor, mas que não pode ser ancorado num facto que surge como objetivo: a suposta perda de atração dos cursos de sociologia. Na verdade, os dados do recrutamento do ensino superior provam o contrário: nunca se formaram tantos sociólogos em Portugal, como de resto estudos recentes atestam (Ramos, Capucha & Tavares, 2018).

A obra é densa e rica; acrescenta ao conhecimento sobre a Sociologia em Portugal. São vários e valiosos os contributos para a elucidação (e periodização) interna deste momento pré-sociológico, complexo, contraditório, cheio de influências e camadas, em muito devedor dos condicionalismos políticos e institucionais (poucas traduções dos autores essenciais – Weber e Lévi-Strauss, por exemplo, apenas ficam disponíveis em língua portuguesa no ano anterior à revolução; falta de ancoragem institucional; cruzamentos com outras disciplinas – Filosofia, História, Geografia,

Política – que não permitem a autonomização de um corpus conceptual e metodológico autónomo; veia especulativa de cariz filosófico e ensaístico; etc.).

Jorge Correia Jesuino centra-se no pensamento de António Sérgio e na análise crítica que o grande pensador elabora, sob uma perspetiva cooperativista, ao corporativismo nacional, não sem antes nos propor uma outra periodização da sociologia em Portugal: i) momento positivista (de 1860 à implantação da República); ii) sociologia experimental, sob a influência de Le Play (início do século XX até finais da II Guerra Mundial); iii) sociologia colonial (da II guerra Mundial aos anos sessenta); iv) sociologia do desenvolvimento, a partir da década de 60 até aos nossos dias. Parece-me, contudo, altamente problemática esta proposta, nomeadamente por não identificar roturas políticas e institucionais decisivas no ensino, na investigação, na diversificação paradigmática e na internacionalização da sociologia portuguesa (desde logo a Revolução). De António Sérgio retém-se a sua persistência em unir geografia, história e sociologia (publica, aliás, uma *Antologia Sociológica* de 10 cadernos entre 1956 e 1957), fazendo uma espécie de sociologia do passado e de história do presente.

Vítor Matias Ferreira, por seu lado, percorre as origens e os itinerários do serviço social em Portugal, no caminho que vai da assistência social ao corpus já sistemático do saber-fazer, simultaneamente teórico e prático, do serviço social e da sua penetração nos serviços públicos do Estado Novo. A questão social urbana e a prática dos “inquéritos sociais” marcam a transição do paradigma médico para as preocupações sociológicas, ainda que permaneçam tendências empiristas e especulativas. Interessantíssima uma história que o autor nos deixa. Em 1953 realizam-se, no seio do Instituto de Serviço Social de Lisboa, e sob fortes críticas de Marcelo Caetano, os “Dias da Sociologia”, espécie de jornada científica sobre os problemas sociais do país. Um ano mais tarde, cria-se na mesma instituição um “centro de sociologia” presidido por... Marcelo Caetano! O leitor conseguirá imaginar da profundidade e clareza sociológicas de tais práticas de pesquisa...

O contributo de Eduardo de Freitas centra-se na análise da presença das ciências sociais e da sociologia no ensino superior militar, num longo período que vai de 1837 a 1974. Após a I República as formações de Estado Maior passam a contar com uma cadeira de *Noções de Sociologia*. Com o golpe de 1926 são suprimidas as referências à Sociologia. Contudo, durante a transformação da escola em Academia Militar, a partir de 1959, juntam-se as disciplinas de Introdução às Ciências Sociais e de Sociologia Geral, tidas como relevantes para a primeira “Geração Nato” e lecionadas, na década de 60, por Adérito Sedas Nunes. Correntes positivistas não deixam, aliás, de tentar inscrever os estudos militares no domínio das ciências sociais.

Deixamos para o fim o texto mais programático da obra (juntamente com a Introdução) da autoria de João Freire. O investigador analisa um vastíssimo corpus bibliográfico (disponível no acervo informatizado da Biblioteca Nacional) sobre os antecedentes da sociologia em Portugal, o que lhe permite detetar várias “veias” que fluem nesse período, por vezes em simultâneo. Entre outras: o positivismo; a influência de Proudhon, do anarquismo e do socialismo utópico; a marca de Marx; um certo “sociologismo trabalhista e emancipador”; a preocupação de certas correntes do Direito com as questões sociais; o catolicismo de matriz social; as reflexões médicas que cruzam com a abordagem de problemas sociais e demográficos; a etnografia ligada à colonização; os estudos agro-rurais; o Serviço Social e, finalmente, alguns tratados de sociologia globalizante (muitas vezes escritos por académicos exteriores à sociologia). Da mesma forma, e embora nunca recorra à terminologia bourdiana, João Freire dá-nos a conhecer um esboço do campo científico e intelectual dessa proto-sociologia: autores, editoras, coleções e bibliotecas, instituições de ensino. Fica em falta, contudo, o sistema de relações, de interesses e de disputas que entre eles se iam tecendo. Ainda assim, parece-me um riquíssimo complemento à pesquisa bibliográfica que Fernando Luís Machado tem vindo a organizar desde 1958 até aos nossos dias (Machado, 2024).

Em suma, estamos na presença de uma obra que nos ensina a ter em conta a complexidade da formação da sociologia em Portugal; as diferentes tendências, correntes e quadros institucionais que a moldaram nessa pré-história, a exposição,

heteróclita, às modas e aos grandes nomes que se iam consagrando; os diálogos (e impasses) com outras ciências (sociais e não só); o impacto (e a retroação) dos grandes eventos históricos (Liberalismo, República, estado Novo, Revolução de Abril). Contributo essencial para nos objetivarmos como sociólogos e sociólogas, feitos dessa acumulação tensa, cruzada, por vezes precária e até rejeitada. Para que saibamos que o tempo conta e que a sociologia se vai fazendo em contextos e escalas multidimensionais.

Comungo com os autores a preocupação com a dispersão teórica, metodológica e paradigmática da sociologia atual. Aliás, creio que a grande questão é saber como é possível preservar e enriquecer a nossa tradição pluriparadigmática sem abdicar dos paradigmas, isto é, de grandes teorias, de pretensão universal (embora com a preocupação da variação e da adaptação aos contextos e mesmo aos terrenos empíricos) que parecem algo arredadas do que hoje se vai fazendo, de feição demasiado dispersa e pouco propensa à acumulação e ao ciclo refutação-consolidação do conhecimento sociológico.

Referências bibliográficas

- MACHADO, Fernando Luís (2024), Bibliografia sobre a Sociologia em Portugal (1958-2024), *Documento de apoio à unidade curricular "Investigação sociológica em Portugal"*, Lisboa: ISCTE.
- MACHADO, Fernando Luís (2022), *Investigação Sociológica em Portugal. Um guia histórico e analítico*, Porto: Afrontamento.
- MACHADO, Fernando Luís (2020), *Sociologia em Portugal. Da Pré-história à Institucionalização Avançada*, Porto: Afrontamento.
- RAMOS, Madalena, CAPUCHA, Luís, TAVARES, Inês (orgs.) (2018), *Quem São e o que Fazem os Sociólogos em Portugal?*, Lisboa: Mundos Sociais.

João Teixeira Lopes

Professor Catedrático do Departamento de Sociologia, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Investigador do Instituto de Sociologia da Universidade do Porto. Endereço de correspondência: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Via Panorâmica s/n, 4150-564, Porto, Portugal.
E-mail: jlopes@letras.up.pt

Artigo recebido a 25/11/2024 e aceite para publicação a 30/12/2024.